

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Esquerda solteira procura...

A circulada que Paulo Maluf deu esta semana por Brasília, a bordo da própria candidatura a presidente da República, consolidou na esquerda — no PT, bem entendido — uma certeza: é preciso apresentar, o mais rápido possível, um candidato à presidência capaz de fazer frente ao governo e àquele que agora se apresenta como a encarnação da oposição.

Parece ser consenso entre os petistas que não dá para malufar, mas também não será possível se aliar a FH e sua turma. Diante disso, sobram poucas opções. Ou aguarda-se um dos dois sofrer desgaste natural — o que é arriscado — ou o bloco tem de ganhar a rua já. É isso ou lá na frente não haverá outro jeito a não ser embarcar numa das duas canoas. E aí o naufrágio é certo.

Ainda existe mais um complicador, que é a disputa pela presidência da Câmara, na qual pelo menos por enquanto o PT se encontra na condição de espectador muito pouco engajado.

Há diferentes visões dentro do partido a respeito da saída possível. O prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro, acha que o partido deve apostar forte na afirmação de posições nos campos político e econômico e não vê como o PT possa deixar a definição de candidatura para além do primeiro semestre do ano que vem.

O deputado Milton Temer, que aponta timidez do partido na denúncia das mazelas da estabilidade, acredita que o ano não pode começar sem que esteja tudo resolvido nesse aspecto, e vai além: discorda frontalmente da tese defendida por Luís Inácio Lula da Silva, segundo a qual o melhor seria a formação de uma frente em torno de Ciro Gomes ou Itamar Franco.

José Genoíno, que começa a defender o lançamento de um candidato próprio à presidência da Câmara — “apenas para marcar posição” —, concorda com Temer na crítica à frente e também acha que o PT deve se preparar para se apresentar à opinião pública como uma terceira via na sucessão presidencial.

Paulo Delgado, do PT mineiro, defende que se antecipe a disputa de 1998, mas aposta na candidatura Itamar Franco. Aliás, posição há muito defendida por ele, que ficou ao lado de Luiza Erundina quando o partido a atacou por aceitar ser ministra no governo Itamar. Para ele, se o PT na época tivesse reforçado a posição do então presidente, a aliança para a eleição de 1994 teria sido à esquerda e não à direita, com o PFL.

**Consolida-se
no PT a certeza
de que é
preciso
escolher um
candidato a
presidente já**

A questão é que a busca do candidato não se apresenta assim tão simples como no caso do PSDB-PFL, que jogam na reeleição, ou no de Maluf. Primeiro é preciso resolver o seguinte dilema: o PT embarca numa candidatura de fora ou de dentro?

Hoje há poucos na bancada do PT dispostos a render homenagens a Lula, a não ser no reconhecimento de que é um líder carismático. Um péssimo político, mas inegavelmente o único nome do partido capaz de provocar emoções eleitorais. E eleição não é debate acadêmico, é corrida pela conquista do coração do eleitor.

O problema, segundo a avaliação hegemônica, é que Lula não quer se definir agora, mas também não embarca numa candidatura de dentro do partido — como a de Tarso Genro, por exemplo — porque sabe que, uma vez feito isso, estaria encerrado seu ciclo no PT. E ele não quer agora, mas não pretende se inviabilizar para a eventualidade de querer mais tarde.

Por isso, há certa concordância em torno da razão que leva Lula a defender uma aliança com Itamar ou Ciro.

Muito bem, mas então por que o partido não se reúne, defenestra Lula e unge Tarso Genro? Porque além de ser uma manobra de difícil execução interna, é Lula e não Tarso quem, hoje, ainda mobiliza a parcela do eleitorado à qual se dirigiria o PT. Ou alguém tem dúvida do resultado de uma pesquisa de opinião que buscasse medir a popularidade de um ou de outro?

Essa é uma das dores da pressa. Do outro defeito da precipitação Lula já foi vítima e, anteriormente, Brizola. Candidaturas infladas com muita antecedência que, na hora do jogo de verdade, perderam consistência e minguiaram até à morte. Brizola, tido em 1988 como presidente eleito, morreu vitimado pela divisão da esquerda e pelo fenômeno Collor.

Lula caiu atingido em cheio pelo Plano Real e pela incapacidade de seu partido de sintonizar-se com a realidade.

A diferença dessa com as outras eleições citadas é que nas duas a esquerda correu sozinha durante um ou dois anos. Agora o quadro é totalmente inverso: o debate da sucessão se dá do centro para a direita, com Fernando Henrique achando ótimo ter Maluf de adversário.

Certamente ele conta, lá na frente, se o prefeito de São Paulo realmente se viabilizar, em arrebanhar caça gorda na seara da esquerda. Que hoje resiste, mas deve estar atenta para o fato de que FH em 94 cooptou boa parcela do eleitorado que seria do PT — notadamente na intelectualidade —, tendo Lula no campo oposto.

Imagine-se como não será proveitosa a caçada, se puder em 98 colocar-se como opção ao malufismo.